



TEMAS BÍBLICOS

Um esquete policial: ganância, roubo e traição no Livro de Juízes 17 e 18

A police sketch: greed, robbery and betrayal in the Book of Judges 17 and 18

Un retrato policial: avaricia, robo y traición en el Libro de Jueces 17 y 18

**Diana Diniz de
Carvalho¹**

orcid.org/0009-0002-3413-8799
diana.diniz@educacao.fortaleza.ce.gov.br

**Cláudia Diniz de
Carvalho e Souza¹**

orcid.org/0009-0003-3839-4033
cdiniz1.ce@gmail.com

Charles Klemz¹

orcid.org/0000-0001-6755-3062
charles@est.edu.br

Recebido em: 5 abr. 2025.

Aprovado em: 21 maio 2025.

Publicado em: 19 dez. 2025.

Resumo: A história de Mica, contada nos capítulos 17 e 18 do Livro de Juízes, possui uma cronologia incerta, no entanto, o relato é situado após a história de Sansão. A narrativa começa com Mica roubando 1.100 siclos de prata de sua mãe, ato que pode ter desencadeado uma série de maldições e infortúnios para o protagonista. Os capítulos oferecem um retrato do estado caótico e desordenado de Israel durante o tempo dos juizes, evidenciando o desrespeito aos mandamentos divinos e o uso indevido de símbolos religiosos por seus líderes de má-fé. O objetivo do artigo é tecer diálogos com debates não convencionais, que podem e devem ser discutidos além da idolatria, como a liderança mal-intencionada. Por fim, é proposta uma cena fictícia cinematográfica com diálogos dos personagens, ilustrando o texto.

Palavras-chave: Mica. Juízes 17 e 18. Idolatria. Roubo. Liderança.

Abstract: The story of Micah, told in chapters 17 and 18 of the Book of Judges, has an uncertain chronology; however, the story is placed after the story of Samson. The narrative begins with Micah stealing 1.100 shekels of silver from his mother, an act that may have triggered a series of curses and misfortunes for the protagonist. The chapters offer a portrait of the chaotic and disorderly state of Israel during the time of the judges, highlighting the disrespect for divine commandments and the misuse of religious symbols by its leaders in bad faith. The objective of the article is to weave dialogues with unconventional debates, which can and should be discussed beyond idolatry, such as malicious leadership. Finally, a fictional cinematic scene is proposed with dialogues of the characters, illustrating the text.

Keywords: Micah. Judges 17 and 18. Idolatry. Theft. Leadership.

Resumen: La historia de Miqueas, contada en los capítulos 17 y 18 del Libro de los Jueces, tiene una cronología incierta, sin embargo, la historia se sitúa después de la historia de Sansón. La narración comienza con Miqueas robando 1.100 siclos de plata a su madre, un acto que puede haber desencadenado una serie de maldiciones y desgracias para el protagonista. Los capítulos ofrecen un retrato del estado caótico y desordenado de Israel durante el tiempo de los jueces, destacando la falta de respeto a los mandamientos divinos y el mal uso de los símbolos religiosos por parte de sus líderes de mala fe. El objetivo del artículo es tejer diálogos con debates no convencionales, que pueden y deben ser discutidos más allá de idolatrías, como el liderazgo malicioso. Finalmente, se propone una escena cinematográfica ficticia con diálogos entre los personajes, ilustrando el texto.

Palabras clave: Mica. Jueces 17 y 18. Idolatría. Robo. Liderazgo.

Introdução

A história de Mica se torna desvanecida quando comparada às histórias de suas vizinhas, que estabelecem relações com grandes feitos, excesso



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

¹ Faculdades EST, São Leopoldo, RS, Brasil.

de violência, assassinatos, estupros coletivos, guerras, etc. Possivelmente ela também tenha sido ofuscada pela célebre história de Sansão, que aparece no capítulo anterior. No entanto, embora seja contada em tons mais sutis, é uma tragédia à sua própria maneira, igualmente comovente e reveladora. Neste artigo, é considerada a contribuição específica do apêndice de Juizes, capítulos 17 e 18, para o desenrolar dessa história. À medida que se avança, nota-se que Mica causa sua própria ruína ao convidar uma figura que, a priori, não é revelada e se mostra também letárgica e sem grandes ações. Contudo, essa figura consegue desvirtuar o desenrolar dos fatos. A tragédia da adoração de falsos ídolos na história de Mica é simultaneamente responsabilidade tanto de falsos líderes quanto dos falsamente liderados, e, como é comum em verdadeiras tragédias, suas dores são auto infligidas.

A história do roubo das imagens, protagonizado por Mica, começa com um prólogo em duas partes (Jz 18,1-12) e termina com um epílogo em mais duas partes (Jz 18,13-28). O prólogo analisa o fracasso de Israel, primeiro sob a ótica de anarquia sem governantes ou leis, em seguida, sob a ótica da adoração. No epílogo, os amargos frutos desse fracasso são revelados, primeiramente com um relato de falsa adoração e depois com um relato da tomada de uma cidade inteira e, com isso, foram abstraídas dos relatos as centenas de mortes, estupros e cidadãos escravos, típico do livro de Juizes. Todo o livro de Juizes tem uma estrutura aparentemente solta, mas há padrões cruzados. A própria história de Mica é dividida em três partes um tanto desiguais.

A primeira, "naqueles dias não havia rei em Israel" (Jz 17,6; 18,1), a Terra prometida havia se dividido em três tribos, e por interregno, o ambiente era instável, com pouca moralidade ou liderança religiosa. A segunda parte se concentra na apresentação das personagens. Cada seção começa introduzindo personagens no drama: Mica (Jz 17,1), depois o levita (Jz 17,7) e, por fim, a tribo de Dan (Jz 18,1). Enquanto as personagens são introduzidas, é revelado o roubo do dinheiro, a fundição da prata em ídolos e o sacerdote e

suas revelações (Jz 18,5-6).

A terceira parte, com todas as "personagens" já inseridas, é a mais extensa, pois cada arco da história chega à sua conclusão. Nela se descreve a marcha de seiscentos homens da tribo de Dan para Laís, em busca de orações e revelações do oráculo sobre suas futuras glórias. De acordo com Chester Mulder *et al.* (2005, p. 147) "o método dessa adivinhação provavelmente foi o de colocar pedras gravadas dentro de um vaso, chacoalhá-lo e então tirar a sorte ou jogá-las à mesa". Seguem-se ainda o roubo das imagens de adoração, o sequestro do sacerdote e, por fim, a conquista da nova terra, às custas de muitas mortes.

No livro *Lenda dos judeus*, do talmudista lituano Louis Ginzberg (1873-1953), consta que havia várias imagens no santuário de Mica. Os sacrifícios e o incenso eram oferecidos a esses ídolos, os quais eram vendidas pelo próprio Mica (provavelmente com a ajuda de sua mãe) e tinham que ser comprados com dinheiro, "sete didracmas para sacrifícios e um para incenso" (Ginzberg, 2003, p. 881). O autor diz o seguinte:

Ele tinha três imagens de meninos, e três bezeros, um leão, uma águia, um dragão e uma pomba. Quando chegou um homem que queria uma esposa, ele foi instruído a apelar para a pomba. Se a riqueza fosse o seu desejo, ele adorava a águia. Para ter filhos ele se dirigiu às imagens de menino; para ter filhos e filhas, para o bezerro; ao leão em busca de força, e ao dragão para uma vida longa (Ginzberg, 2003, p. 881).

As imagens de adoração e o serviço que Mica propunha sempre foram alvos de estudos, como a renúncia da fé em Yahweh, mas são raras as reprovações pelos crimes da tribo de Dan. Russell Champlin (2001, p. 1068) comenta que "de uma perspectiva teológica, os capítulos 17 a 21 de Juizes servem como um epílogo que oferece exemplos de apostasia religiosa e degradação social que definiram a era dos juizes de Israel".

Retomando o desenrolar da trama, conhece-se Mica, cujo nome (uma forma abreviada de Micaías ou Miquéias) significa "quem é como Yahweh?" (A ironia logo se torna evidente: ninguém nessa história tem a menor ideia de como Yahweh é). Mica

é um ladrão supersticioso, que furta e devolve uma colossal quantidade de prata roubada de sua própria mãe com medo de sua maldição. Após a confissão dele, sua mãe tem a ideia de utilizar a prata para fabricar um ídolo, que é colocado em um santuário na casa de Mica. Ele, embora um homem de grandes ideias, não podia ser o líder espiritual. Estabelece, então, um sistema religioso particular, adornando o santuário com uma estola sacerdotal e outros ídolos domésticos, além de consagrar um de seus filhos como sacerdote, embora este fosse leigo. Mais tarde, Mica contrata um levita, que, coincidentemente, procura um lugar para se instalar, e é contratado para exercer a função sacerdotal, fortalecendo ainda mais seu culto privado (Mulder, 2005, p. 147).

Russell Champlin (2001, p. 1070), na mesma obra, discute sobre o porquê de Mica contratar um forasteiro como seu sacerdote:

Não era apropriado que ele fizesse de seu filho (que não era levita) um sacerdote. Nem Mica nem seu filho tinham autoridade para tanto. Mas o levita viera "autenticar" a fé sincretista da casa de Mica. Esse relato, pois, mostra que os levitas ainda tinham prestígio, a despeito do fato de serem negligenciados, naqueles tempos perturbados.

A prática religiosa de Mica, anteriormente caracterizada pela superstição e pela ausência de um autêntico conteúdo espiritual, transforma-se, pois "o sacerdote levítico confere um estatuto especial a um santuário, concedendo ao seu proprietário prestígio e bênção divina. Esta passagem capta muito bem a qualidade da itinerância atribuída aos levitas na tradição bíblica" (Barton; Muddiman, 2001, p. 188). É nesse ponto que entra o líder espiritual sacerdotal, o levita forasteiro. Mica, portanto, regozija-se diante da certeza da bênção de Yahweh, acreditando que esse levita seria perfeito para cuidar do seu santuário, dando legitimidade e autenticidade às suas práticas.

Keil e Delitzsch (2008, p. 432) comentam sobre o versículo 13 do capítulo 17:

E Miquéias alegrou-se por ter conseguido um levita como sacerdote e disse: "Agora sei que Jeová me fará prosperar." Essa crença, ou,

para falar mais corretamente, superstição, pela qual Miquéias rapidamente expiou, prova que naquela época a tribo de Levi ocupava a posição que lhe foi atribuída na lei de Moisés; isto é, que era considerada a tribo eleita por Deus para o desempenho do culto divino.

De acordo com isso, sobre a ação de Mica, Adam Clarke (1869, p. 175) reflete sobre as possíveis intencionalidades do personagem Mica acerca do santuário:

Eu já observei que não há provas de que Mica ou a sua mãe a intenção de estabelecer qualquer culto idólatra. Apesar de terem agido sem qualquer comando Divino em que eles fizeram; Ainda que eles aparecem, não só por ter sido perfeitamente sinceros, mas também perfeitamente desinteressados. Puseram-se a despesa considerável para erguer este lugar de culto, e de manter, em suas próprias taxas adequadas, um sacerdote para officiar lá; sem o qual o lugar, com toda a probabilidade, teria sido destituído do culto e de conhecimento do verdadeiro Deus. Sua sinceridade, desinteresse, e apego à adoração do Deus de seus pais, são mais vistos na alegria que ele expressou em encontrar um levita que pode legalmente officiar em sua casa. É verdade que ele não tinha uma garantia divina para o que fez; mas considerando o estado da terra, a devassidão de seus compatriotas, sua distância de Shiloh, etc., ele parece merecer mais elogios do que culpa, embora deste último ele tenha recebido uma parcela mais liberal de todos os quadrantes.

Adam Clarke minimizou em seus comentários as ações de Mica, talvez imaginando a ingenuidade do personagem, refletida nas lições dos seus antepassados, que tinham Baal e Asterote como deuses de adoração.

Por fim, apresentam-se os danitas, que estão à procura de uma herança e de uma terra onde pudessem se estabelecer (Jz 18,1). Os espiões chegam à casa de Mica, localizada no monte Efraim, percebem que ali há um templo e desejam consultar o líder espiritual (o levita), considerando-o como um oráculo, para saber se teriam sucesso em sua missão. O levita, portanto, os tranquiliza, assegurando que seriam bem-sucedidos (Jz 18,2-6). Porém, os danitas, enfrentando dificuldades para expandir seu território e temendo a presença dos filisteus, enviam cinco espiões para explorar novas terras (Jz 18,7-11). Esses, ao encontrarem uma oportunidade promissora, organizam uma

expedição composta por seiscentos guerreiros acompanhados de suas famílias. A comitiva segue, então, em direção à cidade de Laís, um local isolado, vulnerável e sem alianças com outras tribos, o que facilita sua conquista (Jz 18,27-29).

Antes de seguirem para a cidade de Laís, os espiões informam os danitas sobre o santuário de Mica e seus objetos religiosos. Ao passarem pela casa de Mica, os danitas saqueiam os ídolos, o éfode e terafins, além de outros artefatos religiosos, e convencem o levita a se unir a eles, oferecendo-lhe o posto de líder sacerdotal para toda a tribo, tanto eles quanto o levita enxergam a oportunidade de benefícios mútuos, e finalmente traíndo seu empregador, o levita leva consigo o ídolo doméstico e vai com eles. Mica os persegue, na tentativa de recuperar os objetos, mas, ao perceber que eram mais fortes do que ele, virou-se e voltou para casa (Jz 18,26). Os danitas, após roubarem Mica, partem para Laís e, então, atacam a cidade, exterminam seus habitantes e a incendiam. Encerra-se a história como se fosse um final feliz, pois após todas as atrocidades, eles reconstróem Laís, a renomeiam como Dan e se estabelecem no local.

Roteiro adaptado: breve cenário situacional do livro de Juizes

Para compreender o papel singular que o livro de Juizes desempenha dentro do cânone do Antigo Testamento, é essencial iniciar com uma análise de seu contexto histórico e literário. Localizado entre a conquista de Canaã sob Josué e o estabelecimento da monarquia em Israel, Juizes representa um período de transição marcado por instabilidade política e religiosa. Esta seção examina a origem e a composição do livro, atentando-se à sua estrutura interna e ao significado do termo "juizes", cuja compreensão ultrapassa a ideia moderna de magistrado para abarcar figuras carismáticas e, por vezes, ambíguas na condução do povo.

Faz-se necessário atentar que a leitura do livro de Juizes revela não apenas uma crônica histórica, mas também uma profunda reflexão teológica sobre o fracasso de Israel em manter-se fiel à

aliança com Deus. O texto do livro de Juizes é estruturado em ciclos narrativos que evidenciam um padrão recorrente. Segundo Chester Mulder (2005, p. 93), "a sequência normal é: (a) apostasia, (b) servidão, (c) aflição, (d) oração, (e) libertação. A palavra-chave é repetição. O esquema geométrico é um círculo. A missão principal é: 'guardai-vos dos ídolos' (1Jo 5,21)". Esses ciclos não apenas ilustram a fragilidade da liderança tribal e a falha do ideal teocrático, mas também preparam o terreno para a transição para a monarquia como tentativa de estabilização. Neste bloco, também serão analisadas essas temáticas centrais, refletindo sobre seu significado e implicações para a teologia bíblica.

O título "juizes" refere-se às 15 pessoas que lideraram Israel durante cerca de 300 a 480 anos (Mulder, 2005), período entre a morte de Josué e a ascensão de Saul como o primeiro rei de Israel. Há inúmeras divergências quanto à cronologia do livro Juizes no Antigo Testamento. O livro pertence à seção dos Profetas Anteriores no cânon hebraico. Alberto Soggin (1981, p. 3) relata a possibilidade de o livro ter recebido originalmente um título mais ligado à liderança militar, como "salvador" ou "libertador", e, segundo ele, "a primeira fase do livro foi a de um 'livro de salvadores', em que ações heroicas ou pitorescas do povo em questão foram descritas com base em tradições antigas".

A narrativa descreve um momento crítico da história de Israel. Após escapar do Egito e conquistar a Terra Prometida, Israel enfrentou constante ameaça de inimigos circunvizinhos, dividindo-se em tribos, e os juizes, além de governantes, atuaram como libertadores em tempos de opressão. O livro é estruturado em três partes. A introdução situa o leitor em uma análise inicial da conduta dos israelitas em relação aos cananeus que permaneceram na terra após a morte de Josué, encerrando com a reprovação de suas ações (apostasia e desobediência) pelo anjo do Senhor (Jz 1,1-2,5). Em seguida, descreve a relação de Israel com Deus durante o período dos juizes, caracterizado por um ciclo constante de opressão devido ao afastamento de Deus

e de libertação por meio de juízes levantados e fortalecidos pelo Espírito de Deus quando o povo se arrependia (Jz 2,6-3,6) (Keil; Delitzsch, 2008, p. 237).

A segunda parte, ou seja, o desenvolvimento do livro de Juízes, segue um padrão cíclico (Soggin, 1981, p. 4-5): Israel cai em desonra e adora outros deuses, Yahweh se opõe e o entrega a opressores estrangeiros, o povo se arrepende e clama por ajuda e o Senhor envia uma pessoa na forma de um juiz que os ajuda e os livra dos seus inimigos. Esse ciclo se repete diversas vezes, reforçando uma visão de tempo quase repetitivo, variando apenas nas histórias e nas personagens. A palavra "shofetim", que deriva do hebraico e significa "julgar" ou "governar", destaca o ilustre papel desses líderes no período entre Josué e Saul (Clarke, 1869, p. 98). Por fim, o apêndice (Jz 17-21), nos capítulos 17 e 18, que é o objeto de debate desta pesquisa, é o relato da adoração e roubo pelos danitas de imagens pertencentes a Mica e o sequestro do sacerdote levita para Lais.

Nos capítulos subsequentes (Jz 19-21), o texto descreve a conduta infame dos habitantes de Gibeá e a guerra de vinganças travadas pela congregação de Israel contra a tribo de Benjamim como punição pelos seus crimes.

Archer Gleason (1984, p. 197) reflete, fazendo um apanhado do Livro:

O tema básico do Livro é a falha de Israel como teocracia, no sentido de não ter conseguido lealdade à aliança de homens escolhidos por Deus, os quais libertavam a nação da opressão do mundo ao redor. Os frequentes e repetidos fracassos das doze tribos, nas suas tentativas de permanecerem leais a Deus e à Sua santa lei, prepararam caminho para a instituição duma monarquia central.

As tentativas de lealdade citadas por Archer Gleason foram, muitas vezes, traídas. E Deus sempre os perdoou, porque infinita é a Sua bondade e amor. O livro de Juízes está recheado de percalços, o povo de Israel seguia bem seu caminho enquanto obedecia a Yahweh, mas, talvez por grandes ironias, estavam destinados à apostasia. As narrativas demonstram o declínio moral, religioso e político em Israel e um verdadeiro caos,

e, "para piorar ainda mais a situação, as tribos de Israel com frequência entraram em conflito interno, umas contra as outras" (Champlin, 2001, p. 993). A consequência disso foi o surgimento da monarquia, pois não havia governança para a unificação desses povos. "O livro termina com aquilo que se transformou quase que em um refrão: Naqueles dias, não havia rei em Israel, porém cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos (Jz 21,25)" (Mulder, 2005, p. 152).

Elementos narrativos do roteiro em Juízes 17 e 18

A história de Mica, um homem da região montanhosa de Efraim, ilustra uma narrativa de moralidade ambígua. Mica rouba 1.100 siclos de prata de sua mãe, mas, ao ouvir as maldições que ela lançou contra o ladrão, ele decide confessar e devolver o dinheiro. A mãe, por sua vez, reage rapidamente, revertendo as maldições e pedindo bênçãos para o filho, mostrando perdão, mas sem exigir um arrependimento verdadeiro. Além disso, ela dedica a prata ao Senhor para fazer uma imagem esculpida e uma fundida. Ela separa duzentos siclos e os entrega a um ourives para fazer as imagens, o que demonstra a aprovação tácita à atitude de Mica (Jz 17,3-4). A ausência de uma reconciliação sincera, que exige o reconhecimento dos erros e uma transformação interna, mantém o ciclo de comportamentos errados de Mica inalterado. Esse padrão revela a dinâmica familiar permissiva, em que a mãe, ao ser condescendente, falha em incentivar mudanças de caráter em seu filho, o que ajuda a explicar o vazio moral de Mica.

Em Juízes, capítulo 17, versículo 5, Mica quer se tornar um líder de sua própria ganância tecendo uma rede de enganações e estabelece uma casa de adoração com um éfode e deuses domésticos. Assim fazendo, ele nomeia um de seus filhos como sacerdote. Observa-se que "naqueles dias não havia rei em Israel". Essa afirmação parece reforçar a conduta errônea de Mica, pois não havendo rei, não haveria lei, contribuindo para ações contrárias aos preceitos da lei anterior, ordenando um de seus filhos, um leigo, como

sacerdote. E, além das ações de Mica, que são apresentadas como repreensíveis, o saque dos seiscentos homens do exército de Dan, que ousaram violar a propriedade legal de Mica roubando seus deuses domésticos, foi representado, talvez, como infortúnio, pois, naquela época, na ausência de um governo regular, a anarquia absoluta e a incerteza jurídica prevaleciam em Israel.

Na tentativa de compreender as dificuldades não explicadas no texto, um levita que buscava abrigo e emprego viajando pela montanha de Efraim chega à casa de Mica, que o convida a ser o sacerdote de seu santuário no lugar do seu filho (Jz 17,7-11). Ele considerava o levita mais preferível, possivelmente porque, por ser um descendente da família de Arão, conhecia assuntos religiosos e tinha o direito de ocupar essa posição.

Russell Champlin (2001, 1070) comenta sobre a seriedade dos levitas naquela época:

Somente levitas pertencentes à família de Arão tinham o direito de atuar como sacerdotes. E alguém que não estivesse ligado ao tabernáculo era proibido de nomear alguém para o sacerdócio. Naqueles dias caóticos, entretanto, aconteceu toda forma de irregularidade. Sendo da tribo de Efraim, Mica não tinha autoridade religiosa; mas ele não se importou em seguir as regras. A regra do pragmatismo, "aquilo que funciona é a verdade", dominava a cena inteira em Israel.

A história não menciona o porquê da demissão do filho verdadeiro como sacerdote, mas Mica fica satisfeito ao ter um levita com atributos para o cargo, o que sugere que um levita mereceria preferência sobre um leigo. "O fato de Mica consagrar um de seus próprios filhos para exercer a função de sacerdote (Jz 17,5) em seu próprio santuário doméstico mostra que a qualificação como levita não era necessária, embora fosse algo altamente desejado" (Soggin, 1981, p. 270).

Dessa vez, Mica desenvolve seu plano para a obtenção do que ele acredita ser o líder espiritual que pode auxiliá-lo na adoração dos seus deuses.

A atenção atual recai sobre o versículo 10 do capítulo 17, em que Mica vê tamanha importância do levita e o toma como pai, em termos simbólicos, pois, naquela época, um sacerdote era merecedor de honrarias². Para Mica, parecia que os deuses o haviam abençoado, porém, isso não duraria por muito tempo. Para seu infortúnio, os danitas enviam cinco espiões que, a caminho do monte Efraim, vão à casa de Mica e passam a noite. "Mica ofereceu-lhes hospitalidade, sem saber que iria perder o 'seu levita'" (Champlin, 2001, p. 1070). Durante a estada, os danitas percebem os ídolos e solicitam a Mica (ou seu sacerdote) que consultasse os deuses em seu nome para descobrir se a jornada seria bem-sucedida, pedido que foi atendido de bom grado.

Após os espiões explorarem a área e identificarem, na cidade de Laís, um lugar atrativo, foram acompanhados por seiscentos homens armados da tribo de Dan para se estabelecerem ali. Na viagem de volta à residência de Mica, os espiões informam os seus companheiros que na casa de Mica havia deuses domésticos³. Eis que o clã dos danitas considera isso uma grande oportunidade para tirar vantagem da situação, pois um santuário poderia abençoar o local onde se estabeleceriam. Enquanto os seiscentos homens chegam à entrada da casa de Mica, os habitantes (incluindo o levita) saem curiosamente para ver a multidão armada. Os cinco espiões entram sorrateiramente na casa de Mica e roubam às pressas os ídolos sem que ninguém perceba. O roubo é descoberto, e Mica reúne seus aliados para perseguir os danitas, que voltam com hostilidade e intimidam seus perseguidores. Como o número

² Keil e Delitzsch (2008, p. 432) explicam sobre o termo "pai": "Serás dono da minha casa, como se fosses meu pai; e, como sacerdote, comparecerás por mim na presença de Deus. O termo pai é frequentemente usado para expressar honra e reverência". E o teólogo Adam Clarke (1869, p. 175) reforça dizendo que "pai é um título honroso dado a um sacerdote como amigo paterno e conselheiro espiritual, e também é usado com referência a profetas em 2Reis".

³ Moore (1895, p. 366) descreve mais nomes considerados deuses domésticos. São eles: ephod, teraphim; pesel, massekah. Na história do capítulo 17 do livro de Juizes, ele sugere ser uma imagem e um oráculo. Keil e Delitzsch (2008, p. 431) afirmam que "o éfode era uma imitação da vestimenta de ombro do sumo sacerdote (ver cap. VIII, 27). Os terafins eram imagens de deuses domésticos, que eram adoradas como doadores da prosperidade terrena e como oráculos (ver Gênesis xxxi.19)". Já Henry e Scott (1834, p. 108) explicam que os terafins eram imagens esculpidas em forma humana, consideradas divindades domésticas, utilizadas para investigações oraculares. Aqueles de Mica, supõe-se, se assemelhavam aos querubins, e embora não fossem considerados deuses, dependentes ou em oposição a Jeová, contrariavam diretamente o segundo mandamento.

de danitas é superior aos homens de Mica, ele não se arrisca a agir e retorna de mãos vazias.

O levita desempenha um papel subordinado nesse cenário, conforme expresso no texto. Ao primeiro contato com o jovem levita, os danitas espíões reconhecem sua voz e ele é confrontado pelos espíões (o que pode parecer suspeito). Mas o fato é que eles reconheceram sua voz porque "perceberam pelo seu dialeto que ele não era nativo dessas montanhas" (Keil; Delitzsch, 2008, p. 434) e fizeram-lhe perguntas: "Quem te trouxe aqui e o que você faz neste lugar?" "O que você tem para fazer aqui?" (Jz 18,3). No segundo momento em que se encontram, o levita testemunha o roubo do éfode e terafins e, apesar de estar ciente de que a ação era incorreta, une forças com os danitas e os segue, sendo o levita⁴ nomeado sacerdote no santuário recém-fundado, tornando-se o precursor do sacerdócio estabelecido pelos danitas.

Dada a importância do levita e da necessidade de se ter um líder espiritual na nova cidade de Dan, o autor Russell Norman Champlin (2001, p. 1072) comenta:

Na verdade, as coisas ficaram melhores para Jônatas, pois agora ele tinha um emprego melhor, um salário mais alto, porquanto toda uma tribo haveria de pagá-lo, e não apenas um homem. Além disso, pensemos em seu prestígio multiplicado. Ele iria tornar-se o sacerdote de uma tribo inteira de Israel. Era um oferecimento que ele não poderia mesmo rejeitar. Afinal, por que não aceitar a melhor proposta? Seu prestígio seria maior, pois havia "subido" de posição.

Os versículos 18-19 do capítulo 18 organizam a cena do traidor: o levita abandona Mica e compactua com o roubo, buscando favores próprios. Quando o levita descobre o roubo, fica um pouco surpreso, mas os espíões o saúdam e começam a falar sobre as estátuas. Logo eles revelam seu plano e propõem que o levita vá com eles para se tornar sacerdote de toda uma "tribo de Israel". O levita, atraído pela proposta, toma o éfode e os terafins e se une aos danitas, tornando-se líder

sacerdotal de Dan e, assim, o levita leva consigo os ídolos que lhe haviam sido confiados e vai com os danitas para o novo santuário.

Assim, o exército segue marchando para o extremo norte do país, e, apesar dos homens armados, havia também muitas famílias, crianças e idosos, o que os fez andar devagar e serem alcançados por Mica, que tenta confrontar a tribo, implorando que eles lhe devolvessem tudo o que foi levado.

Russel Champlin (2001, p. 1072) satiriza a situação:

A narrativa toda está entremeada com humor meio sádico, com uma ponta de ironia. O pobre Mica gritava em protesto inútil. Foi uma cena patética. Foi considerado demente por aqueles que o tinham prejudicado, demente por ser estúpido o bastante para perseguir os ladrões, agindo como se "eles" tivessem feito alguma coisa de errado.

Os danitas não se importam e Mica perde seu culto doméstico e o direito de usá-lo como fonte de rendimento. A cidade de Laís é tomada e eles estabelecem o levita como sacerdote, com o ídolo como peça central da adoração. Finalmente, "mais adiante, como algo totalmente incidental, descobrimos que esse levita era neto de Moisés, o que significa que ele conferia uma grande autoridade em favor do culto aberrante" (Champlin, 2001, p. 1069).

O texto original fala que Jônatas é filho de Manassés (18,30), e Adam Clarke (1869, p. 179) retruca:

Quem era esse Manassés, ninguém pode dizer; nem a leitura parece ser genuína. Ele não poderia ser Manassés, filho de José, pois não tinha nenhum filho chamado Gérson; nem poderia ser Manassés, rei de Israel, pois ele viveu oitocentos anos depois. Em vez de Manassés, a palavra deveria ser lida Moisés, e, consequentemente, os filhos de Jônatas foram sacerdotes em Dã apenas até o momento em que a arca foi tomada pelos filisteus, que foi o último ano de Eli, o sumo sacerdote; pois depois disso a arca não voltou mais para Siló.

Ao chegarem à cidade de Laís, seus habitantes,

⁴ Charles Pfeiffer (2010, p. 71) comenta que: "Gérson, filho de Manassés, baseia-se em uma convenção dos escribas arquitetada pelos antigos escribas, a fim de remover o nome de Moisés de qualquer associação com a idolatria. Jônatas talvez fosse o nome do levita mencionado antes em Jz 17,7. O sacerdócio de Jônatas e seus filhos, conforme se diz, durou até o dia do cativeiro do povo".

privados de qualquer ajuda, não são páreo para os danitas, que conquistam e destroem a cidade. Os danitas se estabelecem ali e, a partir de então, chamam o lugar de Dan. A história chega a um fim lógico, com o éfode e os terafins roubados e a traição de um líder espiritual. Baseado na ideia do artigo de José Luis Sicre Díaz (2018, p. 405-426), *El caso de la estatua robada Investigación policiaca y exégesis bíblica – Ensayo sobre Jueces 17-18*, propõe-se um pequeno esquete ilustrativo de investigação criminal ficcional sobre o tema tratado, com o intuito de apresentar esses capítulos da Bíblia de maneira mais agradável e didática para alcançar o interesse de um maior número de pessoas na leitura desse texto.

Luz, câmera, ação: 1.100 moedas – o preço da ganância

Cena: Visão interna ampla da sala de interrogatório da delegacia com detalhes antigos. A câmera se aproxima de uma sala pequena, onde se vê o juiz Samuel de costas, de pé, em frente à mesa de madeira rústica. Sua vestimenta rica, com um cinto de couro, contrasta com o ambiente: quadros de avisos com fotos de suspeitos da época e mapas bíblicos pregados nas paredes. A luz forte do teto ilumina o centro da sala, destacando a mesa e a figura de Mica, o suspeito, que está sentado nervosamente. A atmosfera da sala mescla o sagrado com o comum, o antigo com o moderno. A câmera dá um *zoom* nas mãos trêmulas de Mica sobre a mesa. O juiz Samuel, um homem experiente e cético em relação a toda aquela história, está sentado, enquanto Mica, nervoso e aparentemente arrependido por ter sido pego, está à sua frente.

O diálogo se inicia:

JUIZ SAMUEL (olhando fixamente para Mica)

– Então, Mica, vamos começar do início. Você admite ter roubado sua própria mãe, não é?

MICA (suando)

– Sim, eu... eu peguei os mil e cem siclos de prata que pertenciam a ela. Mas foi um erro, eu estava desesperado!

JUIZ SAMUEL

– Desesperado? Você sabia que isso ia acabar mal. Como pode um filho roubar de sua própria mãe? E parece que ela ainda abençoou você por esse roubo. Isso não soa nada certo.

MICA (nervoso)

– Ela tinha que perdoar seu próprio filho. Eu sempre fui um bom filho. Mas ela amaldiçoou o ladrão, e... Fui eu quem a roubou. Eu fui amaldiçoado e nós ficamos com muito medo. Aquela imagem poderia acalmar a ira dos deuses e trazer paz aos nossos corações. Nós pensamos que poderíamos consertar tudo.

JUIZ SAMUEL (levantando uma sobancelha)

– Consertar? Você pagou apenas parte do que roubou a um ourives para fazer ídolos? E o restante? Isso é que é consertar as coisas? Que belo filho você me parece!

Mica começa a se mostrar visivelmente mais ansioso. Ele respira fundo, mexendo-se desconfortavelmente na cadeira, o suor pingando de sua testa. A câmera foca na expressão tensa de seu rosto. Ele tenta falar, mas se engasga com as palavras.

MICA

– É... eu... entenda, eu queria algo que nos protegesse da maldição. Um símbolo, sabe? Pensei que isso poderia ajudar.

JUIZ SAMUEL (sarcástico)

– E você realmente acreditou que poderia enganar Deus com isso? Criar um santuário em sua casa, consagrar um sacerdote, além dos ídolos... isso não é exatamente o que a Lei manda, Mica.

MICA (olhando para baixo)

– Eu só queria que as coisas fossem diferentes. Entenda, esta era uma terra sem lei... até você chegar, é claro! O que eu fiz estava errado, mas eu apenas

queria ser aceito pelas pessoas, ter e dar proteção divina.

O suor percorre a face do suspeito e as mãos de Mica se fecham em punhos sobre a mesa. Samuel o observa atentamente, avaliando cada movimento e palavra, como se pudesse ver através de sua alma. Ele era um homem experiente e sabia muito bem como lidar com situações assim. O juiz ergue levemente a mão, sinalizando que está prestes a pressionar ainda mais.

JUIZ SAMUEL (aproximando-se)

– Isso, porém, acabou. A partir de agora, todos precisam responder por seus atos por aqui, sob meu jugo. Agora me responda: E a sua fé? Você realmente acha que poderia ter um santuário particular e realmente achava que Deus estaria de acordo com isso?

MICA (tremendo)

– Eu só... queria acreditar que isso funcionaria. As pessoas pareciam estar acreditando e quando os danitas vieram, pensei que poderia ter a atenção deles e ganhar dinheiro também.

JUIZ SAMUEL (suspirando)

– Você é muito ganancioso, Mica! Digame: e o levita, o sacerdote que você escolheu, parece que ele trocou de lado por dinheiro. Ele o traiu. Ora, vamos... um santuário feito de engano e idolatria... você acha que pode fugir das consequências?

MICA (implorando)

– Sim, ele me traiu. Eu fui um tolo! Por favor, eu só quero uma chance. Eu me arrependi! Foi tudo um grande erro!

O Juiz Samuel intensifica o interrogatório. A câmera faz um close na mão levantada do Juiz, que permanece estática por um momento, um gesto carregado de julgamento.

JUIZ SAMUEL (pensativo)

– Arrependido, você diz? Mas quando os danitas invadiram sua casa, você não hesitou em correr atrás do que era seu,

não é? Eles roubaram seus deuses, e você se sentiu perdido e os perseguiu.

MICA (voz embargada)

– É... eles foram mais rápidos e em maior quantidade... e também tinham armas. Mas...eu só queria minhas imagens de volta. Eu me sentia... vazio.

JUIZ SAMUEL (meditando)

– E agora? Que tipo de líder você deseja ser? O que pretende fazer? Seguir essa religiosidade que não passa de uma fachada e criar novos ídolos?

A tensão cresce e Mica finalmente solta um suspiro pesado, desviando o olhar. O juiz está com ar triunfante de um trabalho bem-feito. Sabia que a elucidação do caso era uma questão de tempo. A luz intensa sobre Mica faz com que ele pareça ainda mais acuado, enquanto a câmera captura seu rosto em agonia.

MICA (suspiro)

– Eu... não sei. Preciso entender o que realmente importa. Não quero mais viver assim. Agora eu compreendo todos os meus erros.

JUIZ SAMUEL (fixando o olhar)

– Então é hora de enfrentar a verdade. Porque essa sua "fé" só trouxe ruína. O que começou em sua casa agora se espalhou em Dan. Se você não mudar, o ciclo nunca termina. Essa não é mais uma terra sem lei, Mica. Eu cheguei para fazer justiça!

MICA (nervoso)

– Eu prometo que vou mudar! Serei um bom líder para minha comunidade e não criarei mais falsos ídolos. Eu quero fazer o que é certo!

Samuel oferece uma oportunidade de redenção. Agora em pé, o juiz caminha lentamente ao redor da mesa, com a luz forte delineando sua silhueta. Ele continua a questionar. Sua voz torna-se mais suave, mas ainda é firme. Ele coloca a mão sobre o ombro de Mica, que treme ao toque.

JUIZ SAMUEL (firme)

– Tememos a quem escolhemos servir, Mica. A quem você serve de verdade? Então, comece agora. Este é o primeiro passo. A escolha é sua.

A câmera foca nas expressões conflitantes no rosto de Mica, que parece à beira de uma decisão. O juiz Samuel se levanta e se afasta, deixando o suspeito em profunda reflexão, a luz do interrogatório ilumina seu rosto confuso até se dissipar.

Considerações finais

Muito além do debate sobre idolatria, com o qual esse texto normalmente é associado, este artigo aborda líderes de má-fé. Grandes líderes podem levar as pessoas a seguirem caminhos grandiosos, outros, à ruína. Mica é um oportunista que não perde tempo em instalar o seu próprio sacerdote particular, visando ganhos próprios. Ele se posicionava como líder, organizando a adoração dos ídolos na cidade. Em contrapartida, há o levita, que durante todo o texto permaneceu sem expressar grande liderança, sua verdadeira face estava provavelmente escondida atrás de uma máscara.

Há, no texto, a sugestão do levita em obter vantagens, demonstrando incapacidade de discernir entre o certo e o errado e desmerecendo toda a sua formação e ensinamento familiar (da família de Moisés). É revelado no final que o levita é um descendente direto de Moisés. Talvez mais do que qualquer outro detalhe no livro de Juízes, isso destaca o elemento geracional no centro do fracasso de Israel (Jz 2,10;19). Moisés havia pressionado Israel quanto ao dever de ensinar todas as palavras de Deus aos seus filhos (Dt 6,7), para que o temor de Yahweh pudesse ser transmitido de geração em geração (Dt 6,3). Contudo, o próprio neto de Moisés não teme a Yahweh e, de fato, parece não saber realmente nada sobre ele.

O levita resolveu buscar ganhos "fáceis", enganando a população, e o resultado disso foi a sua própria destruição. Ele vivia sem seguir os preceitos ensinados por seu antepassado e,

além disso, nunca mostrava um único sinal de liderança para ensinar o amor de Deus. Além de sair de Belém, cada ação que realiza é sugerida por outro alguém (Mica/danitas); todas as suas escolhas são ditadas pelo simples interesse próprio. Moisés liderou o povo de Israel, mas o levita apenas seguia qualquer um, de forma complacente, como os danitas ou Mica, dizendo-lhes o que eles queriam ouvir, para garantir seu bem maior. O levita aceitou ser o sacerdote e agir como oráculo em troca de dinheiro, jogou fora sua herança, embora seja possível que tenha sido criado em um ambiente onde a Palavra de Deus era conhecida e transmitida. Tal é o incrível poder do falso líder pagão: ele ainda age exatamente o contrário do que Moisés pregava, com total consciência e convicção de seus atos.

Mas Mica, como já foi dito, também é implicado na má conduta, já que é o responsável pela entrada do levita em sua casa; ele, como líder idealizador, conduz o levita a enganar os fiéis. As ações de Mica são motivadas por um desejo de ganho pessoal, em vez de um desejo genuíno de adorar e servir a Deus. Ele acreditava que, ao ter o levita como seu sacerdote, poderia manipular Deus para abençoá-lo. Essa visão deturpada da religião é uma distorção da verdadeira fé, que nos chama a amar e servir a Deus de forma altruísta.

Líderes que são plenamente satisfeitos em Deus sabem das suas limitações, reconhecem a sua capacidade e entendem que o Senhor Reina sobre todas as coisas. As lideranças de uma religião de fé sabem confiar em Deus em qualquer circunstância. Exercer uma liderança que realmente agrada a Deus é deixar que Ele assuma o controle de tudo, é entender que a Sua vontade predomina e que somos apenas instrumentos em suas mãos para que Ele realize a Sua boa obra. A importância de ter alguém para nos guiar em nossa jornada de fé pode nos ajudar a permanecer no caminho certo.

Na Igreja, existem diversos níveis de liderança, assim como uma variedade de vocações e serviços. Para que tudo ocorra em harmonia e fraternidade, deve-se seguir o exemplo de liderança de Jesus, porém, não é uma tarefa

fácil. O perfil de um excelente líder inclui, entre outros atributos, amor ao próximo, capacidade de fazer renúncias em prol do bem maior, um espírito de fé, foco em sua missão, fidelidade doutrinal e generosidade sem desejar nada em troca. A história de Mica serve como um lembrete dos perigos do isolamento religioso e da fé moldada ao interesse pessoal, bem como da importância de fazer parte de uma comunidade de fé verdadeira em Cristo que pode fornecer apoio e responsabilidade.

Referências

BARTON, J.; MUDDIMAN, J. (ed.). *The Oxford Bible Commentary*. New York: Oxford University Press, 2001.

BÍBLIA Sagrada Online. *Juizes cap. 17, 18*. Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/acf/jz/17>. Acesso em: 16 dez. 2025.

CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. (Deuteronomio, Josué, Juizes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis, v. 2).

CLARKE, A. *Biblical Commentary on the Old Testament: Joshua, Judges, Ruth*. Tradução do alemão por James Martin. London: Hamilton, Adams & Co.; Dublin: John Robertson & Co., 1869. v. 4.

DÍAZ, J. L. S. El caso de la estatua robada: investigación policiaca y exégesis bíblica. Ensayo sobre Jueces 17-18. *Proyección: Teología y mundo actual*, n. 271, p. 405-426, 2018.

GINZBERG, L. *Legends of the Jews*. 2. ed. Traduzido do manuscrito alemão por Henrietta Szold e Paul Radin. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 2003.

GLEASON JÚNIOR, A. L. *Merece confiança o Antigo Testamento?* São Paulo: Nova Vida, 1984.

HENRY, M.; SCOTT, T. *Commentary upon the Holy Bible: Joshua to Esther*. London: The Religious Tract Society, 1834.

KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. *Comentário al Texto Hebreo del Antigo Testamento: Pentateuco e Históricos*. Barcelona: Editorial Clie, 2008.

MOORE, G. F. *A critical and exegetical commentary on Judges*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1895.

MULDER, C. O. et al. *Beacon Comentário Bíblico*. Tradução Emerson Justino e Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2005. v. 2.

PFEIFFER, C. F. *Comentário Bíblico Moody: Gênesis a Malaquias*. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2010.

SOGGIN, J. A. *Judges: a commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1981.

Diana Diniz de Carvalho

Doutoranda em Teologia pelas Faculdades EST, São Leopoldo, RS, Brasil. Professora efetiva municipal de Caucaia e Fortaleza, CE, Brasil.

Cláudia Diniz de Carvalho e Souza

Doutoranda em Teologia pelas Faculdades EST, São Leopoldo, RS, Brasil. Professora efetiva municipal de Caucaia e Fortaleza, CE, Brasil.

Charles Klemz

Doutor em Teologia pelas Faculdades EST, São Leopoldo, RS, Brasil. Professor das Faculdades EST, São Leopoldo, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Diana Diniz de Carvalho

Cláudia Diniz de Carvalho e Souza

Rua José Cândido, 358

Monte Castelo, 60325-490

Fortaleza, CE, Brasil

Charles Klemz

Rua Amadeo Rossi, 467

Morro do Espelho, 93030-220

São Leopoldo, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.